

OS DIÁRIOS DE VIAGEM DE ALEXANDER VON HUMBOLDT NO CONTEXTO DA SUA OBRA: ESTILO LITERÁRIO, EMOTIVIDADE E CIÊNCIA

Gabriela Fragoso

<https://orcid.org/0000-0002-2518-6425>

Universidade NOVA de Lisboa – FCSH / CECC –
Universidade Católica

Resumo: Os diários de viagem de Alexander von Humboldt, escritos durante o trajeto que o levou às colónias espanholas da América Central e da América do Sul (de 1799 a 1804), acompanham-no ao longo da vida e são o texto primordial sobre o qual se baseia a restante obra, nomeadamente o livro de viagem *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* (1805-1838) e *Cosmos – Esboço de uma descrição física do mundo* (1845-1847), o seu trabalho mais tardio. As anotações científicas e as reflexões políticas patentes nos diários oferecem ao leitor a espontaneidade de uma escrita colorida por episódios vividos no momento, entrecortados por excursos científicos que lhe conferem um carácter único.

Nos diários, Humboldt sublinha a importância da fruição da natureza, realçando já uma das componentes principais que surgirão em textos subsequentes que marcaram os seus noventa anos de vida: apurar um estilo de escrita, por forma a congregar num mesmo texto a objetividade científica e o prazer estético. A sua posição enquanto cientista e polímata rejeita atitudes condescendentes ou arrogantes face ao uso da linguagem poética na descrição dos fenómenos naturais, considerando-a,

pelo contrário, fundamental no refinamento do gosto e da sensibilidade.

Os diários de viagem revelam a compreensão da natureza e do ser humano e aprofundam temas candentes, como sejam a opressão colonial ou a escravatura, ambas vistas como problemas globais.

Palavras-chave: Natureza; Poesia; Ciência; Línguas; Escravatura.

Abstract: Alexander von Humboldt's travel journals written during his travels across South and Central America (from 1799-1804) accompanied him throughout his life and were the source for his travel book *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* (1805-1838) as well as for his late work *Kosmos. A Sketch of a Physical Description of the Universe* (1845-1862). The numerous scientific annotations and political reflections in Humboldt's travel journals are quite peculiar, for they allow the interference of emotion and spontaneity and so offer a very lively image of this geographer and polymath.

Humboldt emphasizes in various ways the importance of using a poetic language when describing natural phenomena, because poetry and science aren't antagonists but rather complementary. And he depicts the poetic use of language as fundamental for the refinement of taste, also stressing the influence it exercises

on sensitive minds. He is not either condescending, nor arrogant towards the use of a poetic style in the depiction of the details nature offers us.

The travel journals unravel Humboldt's understanding of nature and humankind and also go deep into a range of themes such as colonial oppression and slavery which Humboldt defines as global problems.

Keywords: Nature; Poetry; Science; Languages; Slavery.

O ano de 2019 não podia ter sido mais apropriado para recordar, também em Portugal, alguns aspetos da vida e obra do geógrafo e polímata Alexander von Humboldt, nascido em Berlim em 1769 e falecido nesta mesma cidade em 1859. As efemérides em torno do seu nascimento estiveram concentradas sobretudo em Berlim, mas também na América Latina, e permitiram uma aproximação renovada à complexa mole de textos que nos legou e que são o espelho de uma longa vida de noventa anos¹.

Em Portugal, o nome Alexander von Humboldt está sobretudo associado à viagem sul-americana (entre 1799 e 1804) que deu

¹ O programa das comemorações, com o título *Er war Forscher, Weltvermesser – und Universalgenie. Alexander von Humboldt wird 250* [Ele foi investigador, agrimensor do mundo – e génio universal. Alexander von Humboldt faz 250 anos] pode ser consultado em <https://avhumboldt250.de/>. O programa comemorativo na América Latina, *Humboldt y las Américas*, pode ser consultado em: <https://www.goethe.de/prj/hya/de/index.html>

origem a um relato de trinta volumes, escrito em francês (*Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continen, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804* / *Relação Histórica da Viagem às Regiões equinociais do Novo Continente nos anos de 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 e 1804*), e editado entre 1814 e 1825, bem como às conferências sobre o Kosmos, proferidas em Berlim em meados do século XIX, e publicadas numa obra com o mesmo nome: *Kosmos – Entwurf einer physischen Weltbeschreibung* (*Cosmos – Esboço de uma descrição física do mundo* (1845-1847)). Estes dois textos, que ainda hoje constituem uma fonte inesgotável para geólogos, botânicos, historiadores, zoólogos e filósofos da cultura têm na sua base os diários de viagem, um conjunto de milhares de páginas escritas durante o percurso que levou Alexander von Humboldt e o médico e botânico francês Aimé Bonpland às colónias espanholas da Venezuela, Cuba, Colômbia, Equador, Peru e México².

Contrariamente ao interesse que a *Relação Histórica da Viagem* e *Kosmos* sempre despertaram, os diários de viagem não têm

² Em finais de 2013 os diários de viagem de Alexander von Humboldt foram adquiridos pela *Stiftung Preußischer Kulturbesitz* (Fundação do Património Cultural Prussiano). Entre 2014 e 2017, a Biblioteca Estadual de Berlim-Património Cultural Prussiano e o Ministério Federal da Educação e da Investigação (Bundesministerium für Bildung und Forschung) trabalharam conjuntamente num projeto destinado a disponibilizar os diários americanos de viagem e o restante espólio em formato digital. Ver: Alexander von Humboldt Portal – <https://humboldt.staatsbibliothek-berlin.de/#toggle-id-1> [consultado em 15-03-2019]; Alexander von Humboldts Amerikanische Reisetagebücher – <https://staatsbibliothek-berlin.de/die-staatsbibliothek/abteilungen/handschriften/nachlaesse-autographen/projekte/humboldt-projekt/> [consultado em 17-03-2019].

recebido a mesma atenção dos investigadores da vida e obra humboldtianas, o que poderá ser, em parte, reflexo da dificuldade em inseri-los num género ou subgénero único e claramente identificável, pois trata-se de textos que não obedecem a critérios meramente científicos ou estético-literários, e que se esquivam, por conseguinte, a uma catalogação unívoca: não satisfazem plenamente quem procura a diarística pura, a narrativa de propensão autobiográfica que registe eventos e vivências quotidianas, mas também não correspondem inteiramente às expectativas de quem neles crê poder encontrar uma linguagem literária depurada ou um discurso científico feito de razão e de empirismo.

Os diários são o único testemunho completo da viagem americana, são eles que acompanham Humboldt desde a partida da Europa, em Junho de 1799, até à sua chegada a Filadélfia, em Maio de 1804. Constituem, pois, a base, o texto primordial do qual todos os outros partem, oferecendo ao leitor a espontaneidade de uma escrita colorida por episódios vividos no momento, entrecortados por excursos científicos que lhe conferem um carácter único. São também reflexo de uma situação epocal caracterizada pelo progresso das ciências e pela concomitante fruição estética da natureza³: reúnem medições meteorológicas, astronómicas, barométricas, higrométricas precisas, e acuradas comparações entre campos tão diversos como os da etnologia,

³ Albrecht von Haller, Goethe, Novalis, contemporâneos de Humboldt, são alguns dos poetas que, nas suas obras, exemplificam bem a possibilidade de harmonização entre os campos da ciência e da poesia.

da botânica, da geografia, da cartografia ou da mineralogia; mas também se tingem de poeticidade nas descrições da natureza sublime e não se coíbem de ultrapassar as barreiras de uma cientificidade neutra para defenderem apaixonadamente princípios ético-morais, como é o caso da rejeição da escravatura e da opressão colonial.

É longo o percurso seguido pelos diários, desde a escrita à publicação. Sabe-se que Humboldt, já no final da sua longa vida, reuniu estes textos em nove volumes, deixando consignado em testamento que deveriam ser depositados no Observatório Astronómico (*Sternwarte*) de Berlim para poderem ser consultados por outros cientistas (Humboldt, 2000: 19). Eis como Humboldt apresenta os seus diários:

Durante estes dias vi, pesquisei e senti tantas coisas que, receoso de me esquecer de algumas delas, quero assentar todo o material por escrito de forma algo superficial e desorganizada. A minha capacidade imaginativa ainda se há de manter, durante muitos anos, suficientemente activa para mais tarde me permitir aprontar uma imagem não totalmente incompleta do todo e oferecer a outros a alegria por mim sentida no contacto com aquela natureza tão magnífica e simultaneamente tão suave e benigna.⁴ (Humboldt, 2000: 81)

⁴ "In diesen Tagen habe ich so viel gesehen, empfunden und erfragt, dass ich jetzt in der Furcht, vieles aus dem Gedächtnis zu verlieren, die Materialien nur flüchtig und ungeordnet niederschreiben will. Meine Einbildungskraft wird noch mehrere Jahre warm genug bleiben, um einst ein nicht unvollständiges Bild des Ganzen daraus zusammensetzen,

Ao referir que vai assentar por escrito ("niederschreiben"), ainda que de forma superficial e desorganizada ("flüchtig und ungeordnet") os elementos recolhidos, para mais tarde, apoiando-se na sua capacidade imaginativa ("Einbildungskraft"), daí poder extrair uma imagem coerente e global que proporcione a outros a fruição de uma natureza suave e benigna ("sanfte und milde Natur"), Humboldt está claramente a dar voz a preocupações de ordem estética, emotiva, e também estilística que se espelham igualmente na obra *Kosmos*, no capítulo atinente à "Descrição da natureza e do sentimento da natureza de acordo com a diversidade de épocas e de povos"⁵: destaca aqui o "vigor ancestral da língua" ("alte Kraft der Sprache") patente nos diários de viagem de Cristóvão Colombo⁶ e elogia os "doces sons da melancolia" ("süsse Laute der Schwermut") que caracterizam as descrições das paisagens marítimas feitas por Camões nos *Lusíadas*⁷. Neste mesmo capítulo, defende ainda que a sensibilidade e o uso poético da língua são parte intrínseca das descrições da natureza:

Mais uma vez o digo: as descrições da natureza podem ser claramente delimitadas e cientificamente precisas, sem

um einst andere einen Teil der Freude mit genießen zu lassen, welche jene große und dabei so sanfte und milde Natur gewährt." (Humboldt, 2000: 81). NOTA: todas as traduções inseridas no artigo são da autoria de Gabriela Fragoso.

⁵ "Naturbeschreibung. Naturgefühl nach Verschiedenheit der Zeiten und der Volksstämme".

⁶ Humboldt, 2004: 215.

⁷ Humboldt, 2004: 217.

com isso perderem o sopro vivificante da imaginação. O carácter poético deve emergir da relação pressentida entre sentidos e intelecto, deve emergir do sentimento de totalidade abrangente, da limitação recíproca, da unidade inerente à própria natureza.⁸ (Humboldt, 2004: 223-224)

A obra de Alexander von Humboldt é um apuramento constante dos diários de viagem que constituem, por assim dizer, os textos primordiais. Não é sem razão que Margot Faak (1926-2015), a primeira investigadora da obra humboldtiana a organizar e publicar uma seleção dos diários de viagem a partir de 1986⁹,

⁸ "Naturbeschreibungen, wiederhole ich hier, können scharf umgrenzt und wissenschaftlich genau sein, ohne dass ihnen darum der belebende Hauch der Einbildungskraft entzogen bleibt. Das Dichterische muss aus dem geahnten Zusammenhang des Sinnlichen mit dem Intellektuellen, aus dem Gefühl der Allverbreitung, der gegenseitigen Begrenzung und der Einheit der Natur hervorgehen." É interessante verificar até que ponto a questão do estilo literário o preocupa. No prefácio a um conjunto de ensaios escritos em alemão – *Ansichten der Natur*, 1808 –, Humboldt sublinha a responsabilidade e a dificuldade sentidas em conseguir apurar um estilo de escrita que permitisse congregar num mesmo texto a objetividade científica e o prazer estético, tanto para quem escreve, como para quem lê: "O tratamento estético de elementos da história natural apresenta grandes dificuldades de composição, pese embora a maravilhosa energia e a flexibilidade da nossa língua materna, pois a riqueza da natureza convida à acumulação de imagens individuais e a acumulação perturba, quer a serenidade, quer o efeito global da pintura." (Humboldt, 2007: 21) – "Diese ästhetische Behandlung naturhistorischer Gegenstände hat, trotz der herrlichen Kraft und der Biegsamkeit unserer vaterländischen Sprache, große Schwierigkeiten der Komposition. Reichtum der Natur veranlasst Anhäufung einzelner Bilder, und Anhäufung stört die Ruhe und den Totaleindruck des Gemäldes." (Humboldt, 1987: IX).

⁹ Margot Faak publicou os dois primeiros volumes dos diários ainda na década de 1980, respetivamente *Alexander von Humboldt. Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution. Eine Anthologie von Impressionen und Urteilen aus seinen Reisetagebüchern*

os considera equivalentes ao *Urfaust* (ou Fausto original) na obra de Goethe (Humboldt, 2000: 23). De facto, há nos diários uma componente linguística ainda não depurada de algumas imperfeições de estilo, o que lhes confere um toque de espontaneidade que dificilmente encontramos na obra posterior, muito mais elaborada. Estamos, assim, perante um texto em construção, no qual Humboldt recorre essencialmente a dois idiomas – ao alemão e ao francês –, usando-os muitas vezes de forma aleatória e acrescentando-lhes também a língua latina nos excursos científicos sobre plantas e animais (Humboldt, 2003, I: 32; Humboldt, 2003, II: 12). O uso do castelhano, pelo contrário, é muito residual, embora Humboldt conheça bem o idioma a que inevitavelmente teve de recorrer no contacto com as elites intelectuais e governamentais do continente americano, fossem elas crioulas ou espanholas. Quanto às línguas ameríndias (quéchua, chibcha e outras) surgem sobretudo nos topónimos.

Casos há em que dois idiomas diferentes confluem num mesmo período do texto, criando uma escrita ilustrativa da facilidade com que Humboldt adapta o seu registo linguístico ao fluir dos acontecimentos e às circunstâncias que o rodeiam e condicionam, como acontece numa entrada diáristica escrita entre 22 de Novembro de 1799 e 7 de Fevereiro de 1800:

(1982) e Alexander von Humboldt. *Reise auf dem Río Magdalena, durch die Anden und Mexico. Teil I: Texte. Aus seinen Reisetagebüchern zusammengestellt* (1986). O terceiro volume foi publicado em 1990: Alexander von Humboldt. *Reise auf dem Río Magdalena, durch die Anden und Mexico. Teil II: Übersetzung, Erläuterungen, Register*; em 2000, Margot Faak publica o quarto volume: Alexander von Humboldt. *Reise durch Venezuela*.

Passámos cerca de $\frac{3}{4}$ de hora a descarregar e a trabalhar com os instrumentos. O negro, que tinha o sextante grande, ficou no vale, por recear o frio. Por sorte tinha comigo o horizonte artificial e o sextante de bolso. Avaliei a altura do sol, pouco mais ou menos, por entre o nevoeiro. 1 de Janeiro. (11 Nivose 8)¹⁰ [...] long[itude] de 18» à l'or[ient] de Caracas par les angles prises à ma maison, non par cette observation, qui est très mauvaise le temps étant tout couvert. Lá em cima uma espécie de abelhas que fazem ninhos na terra e poisam nas nossas mãos. Mas não picam, se não as incomodarmos.¹¹ (Humboldt, 2000: 180)

Este curto extrato associa num mesmo período, e ao correr da pena, não só duas línguas distintas (o alemão e o francês), como também parcelas diferentes de uma mesma situação, parcelas essas que incluem a preparação dos instrumentos, a tipificação do carregador negro, as avaliações científicas condicionadas pelas contingências do clima e, por fim, uma alusão às abelhas, num registo quase coloquial que contrasta com a cientificidade das medições feitas nessa mesma ocasião.

¹⁰ "Nivoso" é o quarto mês do calendário republicano da Revolução Francesa. Corresponde ao período compreendido entre 21 de Dezembro e 19 de Janeiro do calendário gregoriano.

¹¹ "Ein $\frac{3}{4}$ St[unden] vergingen mit Auspacken und Arbeit der Instrumente. Der Neger mit dem großen Sextant war, Kälte scheuend, im Thal geblieben. Zum Glück hatte ich den großen Horizont und Snuffbox-Sextant oben. Sonnenhöhe erhascht, sehr mittelmäßig, zwischen Nebel erhascht. 1. Januar (11 Nivose 8) [...] long[itude] de 18» à l'or[ient] de Caracas par les angles prises à ma maison, non par cette observation, qui est très mauvaise le temps étant tout couvert. Oben eine Art Bienen, die Nester in der Erde haben und sich auf die Hände setzen. Aber sie stechen nicht, wenn man sie nicht sehr reizt."

A primazia que a língua francesa adquire nos diários é perfeitamente compreensível, pois Humboldt teve uma formação bilingue e as suas referências culturais e científicas encontram-se sobretudo em França, como era, aliás, comum, entre os cientistas da época; também não é de subestimar o facto de Humboldt ter sido acompanhado na sua viagem pelo médico e botânico Bonpland, que não falava alemão. Estas circunstâncias poderão explicar, pelo menos em parte, a secundarização da língua castelhana que Humboldt também dominava. Não deixa, contudo, de ser curioso que o papel residual desta língua na escrita diarística acompanhe a ausência de qualquer referência aos seis meses passados em Espanha, país onde, juntamente com Bonpland, testou grande parte dos seus instrumentos, colecionou plantas e rochas, se exercitou em longas caminhadas que serviram de ensaio à viagem sul-americana e que deram origem a um primeiro esboço geográfico do planalto central da Península Ibérica¹² e, sobretudo, país onde foi recebido em audiência pelo rei Carlos IV, de quem obteve a autorização formal para viajar livremente pelas colónias espanholas da América. Sendo

¹² Trata-se do ensaio científico intitulado *Über die Gestalt und das Klima des Hochlandes der Iberischen Halbinsel* (1825) do qual, contudo, está ausente a componente literária e emotiva. Os investigadores Miguel Ángel Puig-Samper e Sandra Rebok (Instituto de Historia. CSIC.) fazem a seguinte constatação: "Lamentablemente el estudio de Alejandro de Humboldt sobre España no tiene la riqueza literaria de muchos de sus escritos –recuérdense por ejemplo sus maravillosos Cuadros de la Naturaleza–; más bien constituye un ensayo científico de gran valor, aunque alejado de las observaciones personales del habitual relato del viajero ilustrado y quizá también condicionado por el generoso permiso de viaje concedido por las autoridades españolas." (Puig-Samper/Rebok – https://www.uni-potsdam.de/romanistik/hin/hin5/inh_rebok_3.htm) [consultado em 23-03-2019].

conhecida a gratidão de Alexander von Humboldt para com a coroa espanhola¹³, sabendo-se também como admirava a cultura e a língua desse país¹⁴, mais enigmático se nos afigura o peso insignificante que ambas detêm nos diários de viagem.

No primeiro capítulo da *Relação Histórica da Viagem*, Humboldt esclarece que os seis meses passados em Espanha, antes de iniciar a viagem sul-americana, não teriam sido suficientes para fazer um levantamento exaustivo da geografia física do país e que, por outro lado, a Espanha continental já seria suficientemente conhecida através dos relatos de outros viajantes. (Humboldt, 1997, 1: 27) Fica, contudo, por esclarecer, a razão por que os diários descrevem com minúcia a viagem de Paris até Toulon, entre 20-10-1798 e 3-01-1799 – um roteiro certamente bem mais conhecido do que o da Península Ibérica – e são interrompidos no trajeto que leva da fronteira franco-espanhola até à Corunha, para só serem retomados no dia 3 de Junho de 1799, data da partida para a América¹⁵.

¹³ A correspondência de Humboldt é rica em manifestações de reconhecimento à coroa espanhola (sobretudo nas cartas escritas entre junho e novembro de 1799, respetivamente a Karl Maria Erenbert Freiherr von Moll – 5 de junho, a partir da Corunha; a Ludwig Bollmann – 15 de outubro, a partir de Cumaná; a Franz Xaver Freiherr von Zach – 1 de setembro e 17 de novembro, a partir de Cumaná) (Humboldt, 1993: 33, 62, 47).

¹⁴ Em *Kosmos*, Humboldt faz esmiuçadas referências à literatura espanhola.

¹⁵ Margot Faak refere que não se conhece nenhum relato da viagem de Alexander von Humboldt por Espanha, a não ser na sua correspondência: "Eine Schilderung der Reise in Spanien außer in seinen Briefen ist bisher nicht bekannt geworden." (Humboldt, 2000: 16).

Na América do Sul, Humboldt toma contacto com o castelhano enquanto língua do opressor. Contrariamente ao francês e ao alemão, dois idiomas, por assim dizer, neutros naquele espaço geográfico, o castelhano está indissociavelmente ligado a uma colonização que Humboldt condena veementemente nos seus diários. É nesses extratos empenhados que a vertente emotiva mais se sobrepõe à sobriedade do cientista. A exploração do ser humano, e em particular a escravatura dos negros, ocupam largos trechos dos diários e constituem uma preocupação fundamental. Para este cientista, nenhum país é inocente na questão da escravatura. É um facto que, por se encontrar em território colonizado pela Espanha, são os espanhóis os principais visados, mas Humboldt não se satisfaz com parcelas da realidade, seja qual for o domínio que se proponha explorar. A procura de analogias, de ligações intrínsecas entre os vários fenómenos, por forma a obter uma visão abrangente, é um constituinte fundamental da sua metodologia. Por conseguinte, também a escravatura a que estão sujeitos os afro-americanos não é tratada como um problema local, mas sim global¹⁶, exigindo,

¹⁶ O tema da escravatura é omnipresente na obra de Humboldt e vai da descrição de cenas pungentes que o revoltam enquanto ser humano à crítica aberta aos europeus que alimentam o tráfico de escravos. Num registo bem revelador da forma como interesses económicos se sobrepujam aos princípios morais, Humboldt refere que "Entre todos os governos europeus, o da Dinamarca foi o primeiro e, durante muito tempo, também o único a abolir o comércio de escravos; porém, os primeiros escravos que vimos à venda [em Cumaná] chegaram num navio negreiro dinamarquês." (Humboldt, 1997, I: 196) – "Unter allen europäischen Regierungen war Dänemark die erste und lange Zeit die einzige, welche den Sklavenhandel abschaffte, und doch waren die ersten Sklaven, die wir zum Verkauf angeboten sahen, auf einem dänischen Negerschiff gekommen."

consequentemente, uma solução delineada de acordo com essa escala, tanto mais que a escravatura não é apenas apanágio dos europeus, pois até os próprios nativos da América do Sul se deixaram corromper pelos proventos advenientes desse tráfico.

Entre 30 de Março de 1800 e 23 de Maio de 1800 Humboldt escreve:

La Condamine [*Charles-Marie de Condamine (1701-74): químico, geodeta e viajante francês*] assegura que, naquela época, o rio Negro só servia aos portugueses para o comércio de escravos. Eu digo que nessa época [os] caribes eram os donos do Orinoco, navegavam a partir do rio Berbice e do rio Essequibo pelo Caroní e pelo Paraguamuci até ao R[í]o de Aguas Blancas, tal como pelo Caura até ao Ventuari e La Esmeralda; incitavam os pequenos chefes índios a guerrear-se e, com produtos (facas, machetes, anzóis) que recebiam de holandeses e de portugueses, compravam os escravos a esses mesmos chefes e vendiam-nos depois aos holandeses e aos portugueses. E deste modo, os desgraçados habitantes deste território sofriam com a barbárie europeia, sem nunca terem visto qualquer europeu.¹⁷ (Humboldt, 2000: 306)

¹⁷ "La Condamine versichert, der Río Negro diene damals den Portugiesen bloß zum Sklavenhandel. Damals, sag ich, waren [die] Cariven Meister des Orinoco, sie streiften von Berbice und Essequibo durch Caroní und Paraguamuci nach R[í]o de Aguas Blancas, wie durch Caura nach Ventuari und Esmeralda; sie reizten kleine Indianische Fürsten zu Kriegen, kauften mit Waren (Messern, Machete, Angelhaken), die sie von Holländern und Portugiesen empfangen, von diesen Fürsten

São também os povos do Velho Continente que, ao transporem as suas hostilidades nacionais para as colónias, envolvem os índios em questões que lhes são alheias e envenenam a convivência entre tribos. O exemplo mais paradigmático é o do conflito que opõe Portugal e Espanha pelo controlo de zonas fronteiriças entre as colónias sul-americanas dos dois países. Na sua *Relação Histórica da Viagem* Humboldt lamenta que "o laço que une os belos idiomas de Luís de Camões e Lope de Vega" sirva apenas para "separar ainda mais os povos que se tornaram vizinhos involuntários"¹⁸; e retomando a mesma ideia na sua *Relação Histórica da Viagem*, escreve:

Os índios que vivem em aldeias vizinhas portuguesas e espanholas junto ao rio Amazonas e ao Rio Negro, odeiam-se de morte. Esta pobre gente fala línguas ameríndias e tudo o que se passa do outro lado do oceano, para lá do grande mar salgado, é-lhes completamente desconhecido; mas as vestes dos seus missionários são de cores diferentes, e isso desagrada-lhes em alto grau.¹⁹ (Humboldt, 1997, 3: 7-8)

die Sklaven und lieferten sie an Holl[änder] und Portugiesen. So litten die unglücklichen Bewohner dieser Gegend von Europäischer Barbarei, ohne die Europäer selbst mit Augen zu sehen."

¹⁸ "Das Band, welches die schönen Mundarten von Luis de Camões und Lope de Vega innig verbindet, hat hier, möchte man sagen, nur gedient, die Völker, welche unfreiwillige Nachbarn geworden waren, noch mehr voneinander zu trennen." (Humboldt, 1997, 3: 7) – "Dir-se-ia que o laço que une intimamente os belos idiomas de Luís de Camões e de Lope de Vega aqui só serviu para separar ainda mais os povos que se tornaram vizinhos involuntários".

¹⁹ "Die Indianer der benachbarten portugiesischen und spanischen Dörfer am Amazonenstrom und am Río Negro hassen einander tödlich. Es sind amerikanische Sprachen, die diese armen Leute reden, und was am

Não seria de esperar que Humboldt abandonasse a sua neutralidade política para tomar partido por qualquer um dos intervenientes na renhida luta pelo domínio dos territórios sul-americanos, embora também ele próprio tivesse sido vítima do antagonismo que extravasou da Península Ibérica para as colónias e que constituiu um entrave à continuação da viagem nos moldes que tinha planeado: de facto, no ponto mais meridional da viagem sul-americana, em San Carlos, na foz do rio Casiquiare, já na fronteira da Venezuela com o Brasil, Humboldt foi impedido pelas autoridades portuguesas de seguir o curso do rio Negro até Barcelos. A desconfiança política que um prussiano amigo de Espanha despertava no outro lado da fronteira impediu a concretização de uma importante etapa da viagem²⁰. Essa inesperada contrariedade não originou qualquer animosidade pessoal contra o governo português; mas é de lamentar que,

anderen Ufer des Ozeans, jenseits der großen salzigen Lache vorgeht, ist ihnen völlig unbekannt: aber die Kutten ihrer Missionare sind von anderer Farbe, und dies ärgert sie im höchsten Grad." (Humboldt, 1997, 3: 7-8)

²⁰ Humboldt não só não obteve autorização para entrar no Brasil, como veio mais tarde a saber da existência de um mandado de captura caso entrasse em território brasileiro (cf. Bitterli, 1992: 457; Humboldt, 1993: 98, 127; Humboldt, 1997, 3: 3-8). É sobretudo na correspondência que se encontram os pormenores relativos a esse problema. Em carta enviada a 23 de Agosto de 1800 de Nueva Barcelona a Manuel Guevara y Vasconcelos, capitão-general da Venezuela, Humboldt escreve: "El recelo [sic] del Gobierno Portugués que no deja saltar en tierra en este tiempo a los Españoles de S.Carlos, me ha imposibilitado de penetrar con mis Instrumentos más adelante para dejar algún monumento en el verdadero sitio donde passa la Equinoccial." (Humboldt, 1993: 94). Num comentário a uma carta de 13 de Abril de 1802 que lhe foi enviada de Quito pelo correspondente Miguel Fernández Bello, governador de Quijos, Humboldt aprofunda a problemática questão da linha divisória acordada entre Portugal e Espanha pelo tratado de Madrid de 1750 e confirmada pelo tratado de San Ildefonso de 1777.

devido à desconfiança e ao excesso de zelo, portugueses e brasileiros tenham ficado privados de um precioso contributo que teria certamente enriquecido a investigação científica e fortalecido a auto-estima de ambos os países.

A violência física e espiritual a que estavam sujeitos índios, negros e zambos (cruzamento de índios com africanos), o extermínio dos nativos pela disseminação de doenças contra as quais não tinham defesas, o abandono a que eram votadas as terras depois de exauridas das suas riquezas naturais, a missionação nem sempre orientada por princípios cristãos de humanidade e tolerância, a ignorância em que eram deixados os povos ameríndios, em suma, todos os aspetos inerentes a uma colonização infeliz encontram nos diários de Humboldt a sua expressão científica (em tabelas, medições, avaliações rigorosamente anotadas). Porém, são os relatos de cariz pessoal que permitem uma aproximação palpável e empática às realidades descritas:

Quando se passa trinta dias percorrendo o Orinoco, vendon-
-nos sempre a nós próprios, sem encontrar um barco amigo, uma pessoa nas margens, apetece perguntar a quem se deve este mundo, este deserto, este silêncio de morte. A vós, europeus, que de noite roubais os filhos aos pobres e pacíficos habitantes (aterrorizando-os com espingardas ou assaltando-os cobardemente em pleno sono); a vós, que expulsais os selvagens das margens... E que rejubilais com o padecimento dos outros. Mas não! Numa extensão de duzentas milhas construístes quinze habitações, se é que se pode chamar

habitações a casebres feitos de barro... O selvagem foi rechaçado para os rios, afluentes e caños mais afastados que partem dos grandes rios que existem em todo o lado, ou aí desaguam... não consegue expandir-se livremente, comunicar – e não ganha nada em ter de comunicar com espanhóis (e também com holandeses, portugueses, franceses, pois todos os europ[eus] desta zona são igualmente tenebrosos.) O selvagem cristianizado dos *pueblos* é mais covarde e mais bruto, sacrificou a sua saúde f[ísica] e não obteve nenhum ganho intel[ectual].²¹ (Humboldt, 2000: 277)

Desabafos deste cariz não se encontram em textos posteriores dirigidos ao grande público. Na obra humboldtiana só os diários se pautam por motivações do foro mais íntimo. Escritos muitas vezes em cima do acontecimento, de forma impressionista, constituem um acervo de emoções e de informações destinadas a ser trabalhadas quando, de regresso à Europa, Humboldt se

²¹ "Wenn man wie wir ein 30 Tage lang auf dem Orinoco schiffet und so ewig nur sich selbst, nie ein freundlich beegnendes Schiff, nie Menschen am Ufer sieht, dann fragt man sich, wem diese Welt, diese Ödigkeit, diese Totenstille verdankt. Euch, Ihr Europäer, die ihr den armen, friedlichen Einwohnern (sie mit Schießgewehr schreckend oder feig im Schlaf überfallend) Nächtlich die Kinder raubt, Euch, die ihr den Wilden vom Ufer verdrängt... Und wäret ihr dadurch glücklich, dass andere darben. Aber nein! In einer Strecke von 200 Meilen habt ihr 15 Häuser gebaut, wenn man Lehmhütten Häuser nennen darf... Der Wilde lebt jetzt zurückgedrängt an den entfernten Flüssen, Armen, Caños, die von den großen Flüssen hier überall ab- und zugehen...er kann sich nicht frei ausbreiten, communicieren – und in seiner meist erzwungenen Kommunikation mit Spaniern (und ebenso Holländern, Portugiesen, Franzosen, denn alle Europä[er] in dieser Zone gleich abscheulich) gewinnt er nichts. Der gechristete Wilde in den pueblos ist feiger und dummer, an phy[sischen] Kräften einbüßend, ohne an intell[ektuellen] zu gewinnen."

dedica a redigir a *Relação Histórica da Viagem*. Mas embora diretos e acutilantes nas críticas feitas às potências coloniais, os diários também têm espaço para elogiosas manifestações de reconhecimento ao trabalho desenvolvido por certas missões de jesuítas, por governadores que não se enquadram no modelo típico do cacique prepotente, por cientistas que, com o seu empenho, contrabalançam a letargia e o desinteresse das elites coloniais.

Contudo, a indolência dos próprios índios nem sempre se coaduna com o entusiasmo do cientista, cuja avidéz de conhecimento colide com o *modus vivendi* dos nativos, ajudantes imprescindíveis nas perigosas expedições por florestas, rios e vulcões. A inércia dos índios contrasta fortemente com o entusiasmo que Humboldt põe na concretização dos seus planos. Exigência, perseverança, disciplina e também um certo grau de idealismo são qualidades que este prussiano não encontra entre os nativos, e a tentativa de as transpor para a cultura indígena fracassa redondamente. Daí advêm situações que nem sempre estão em consonância com o respeito pelas culturas ameríndias: Humboldt impacienta-se quando os índios que transportam os seus preciosos instrumentos de medição se recusam a segui-lo na escalada dos vulcões Pichinca e Chimborazo, apesar de admoestações e ameaças (Humboldt, 2006:85), ou por recearem aproximar-se demasiado do cume, que é para eles o domínio do sagrado, ou porque, pura e simplesmente, não vêem qualquer necessidade de pôr a vida em risco para seguir aquele estrangeiro, tão interessado em escalar todo e qualquer vulcão que lhe surge pelo caminho, para de lá

voltar a descer exausto, morto de fome e de frio, com os bolsos cheios de pedras e de papéis rascunhados com algarismos.

Humboldt relata estas suas escaladas num tom que oscila entre o enlevo (por exemplo, na descrição da beleza arrebatadora do vulcão Antizana), a aridez (nas medições atmosféricas, barométricas e topográficas que sempre acompanham qualquer escalada), a seriedade contida (ao referir os perigos e consequências do ar rarefeito) e a jocosidade, de que o mais ilustrativo exemplo é a descida algo atribulada do vulcão Pichincha a meio da noite:

Entretivemo-nos a contar o número de quedas que cada um dava. Don Vicente Aguirre, que seguia atrás de mim, contou 123 quedas minhas em menos de três horas, eu contei 34 quedas do índio que ia à minha frente. Por conseguinte, a perícia de um índio face à de um branco encontra-se numa relação de 34 para 123.²² (Humboldt, 1989: 291-292)

Este dado estatístico põe a descoberto uma das preocupações fundamentais de Humboldt: medir tudo o que é mensurável, avaliar numericamente o que é avaliável, seja a temperatura ou a pressão, a longitude, a altitude ou a latitude, o movimento da água e do ar, a produção de cacau e de café, ou mesmo, num registo de auto-ironia, o número certo de quedas ocorridas

²² "Wir amüsierten uns damit zu zählen, auf wie viel Stürze wir es zu Fuß brachten. Don Vicente Aguirre, der hinter mir ging, zählte in weniger als drei Stunden bei mir 123 Stürze, ich bei dem Indianer vor mir 34. Folglich steht die Geschicklichkeit eines Indianers zu der eines Weißen im Verhältnis von 34 zu 123."

num determinado percurso. Porém, por trás desta aparente despreocupação esconde-se a meticulosidade do cientista e a absoluta exigência de rigor, a par da fixação obsessiva nos objetivos a alcançar, os quais, não poucas vezes, colidem com a sensibilidade dos nativos, como o comprovam as escaladas que os índios se recusam a acompanhar, para além de outras situações mais extremas de prepotência.

Perturbador é, por exemplo, o relato diarístico (entre 7 de maio e 28 de agosto de 1800) da exumação de cadáveres ocorrida na gruta de Atarupa, no curso superior do Orinoco:

Procurámos crânios carac[terísticos] para enviar a Blumenbach [Johann Friedrich Blumenbach: antropólogo e zoólogo alemão]²³ e por isso abrimos uma série de mapires [cestos feitos de folhas de palmeira entrançadas, onde os índios depositam os seus mortos]. Pobre povo, nem no túmulo te deixam em paz! Os índios seguiram esta operação com grande indignação, sobretudo alguns índios de Guaicia que ainda nem há quatro meses tinham visto brancos. Reunimos crânios, um esqueleto de criança e dois esqueletos de adultos; [...] Caiu a noite e nós ainda estávamos a remexer nos ossos. Os rostos dos nossos guias índios deram-nos a entender que já tínhamos devassado

²³ A obra de Blumenbach *Sammlung der Schädel verschiedener Völker* (1790-1840) contém os resultados da sua investigação sobre as formas dos crânios de diferentes povos. Blumenbach defendia a teoria da unidade da espécie humana que dividiu em quatro ou cinco raças.

suficientemente os túmulos e que era altura de pôr fim ao sacrilégio.²⁴ (Humboldt, 2000: 324)

Tendo embora plena consciência da profanação, Humboldt não sente a obrigação moral de parar. A consternação dos índios que observam a cena não o impede de continuar a vasculhar as ossadas até ao cair da noite. E a comiseração que ressalta da expressão “Pobre povo, nem no túmulo te deixam em paz!”, em gritante contraste com o sacrilégio cometido, quase parece escarninha, tão desadequado é o contexto em que se insere. Fica a sensação de que uma força mais poderosa do que a própria consciência não permite a Humboldt deter-se. Aqui, é a ciência pura e dura, liberta de peias morais, que fala mais alto.

Embora belisquem a imagem exclusivamente positiva com que gostaríamos de ficar, estas situações são esporádicas. Parafraseando uma ideia muito humboldtiana, elas constituem parcelas de um todo mais vasto, que só estará completo se englobar luzes e sombras. Humboldt não esconde as suas fraquezas, tal como não oculta as suas façanhas. E os seus actos mais reprováveis são indubitavelmente superados por manifestações de apreço pelas culturas nativas no que estas

²⁴ “Wir suchten recht charak[terist]ische Schädel für Blumenbach und öffneten daher viele Mapiere. Armes Volk, selbst in den Gräbern stört man deine Ruhe! Die Indianer sahen diese Operation mit großem Unwillen an, besonders ein Paar Indianer von Guaicia, welche kaum vier Monate lang weiße Menschen kannten. Wir sammelten Schädel, ein Kinderskelett und zwei Skelette Erwachsener Personen; [...] Die Nacht brach ein, indem wir noch unter den Knochen wühlten. Die Minen unserer indianischen Führer sagten uns, dass wir diese Grabstätte genug entheiligt hätten und den Frevel endlich endigen sollten.”.

têm de diversidade e riqueza linguística, de capacidade de adaptação ao meio e também de avanço tecnológico, no caso de algumas culturas pré-colombianas. Por alguma razão a América Latina ainda hoje guarda de Humboldt uma imagem que, de tão positiva, chega a ser laudatória²⁵. O próprio Humboldt nunca mais perderá a ligação emocional ao continente que percorreu, por conta própria, durante cinco anos. No terceiro volume da *Relação Histórica da Viagem* chegamos às palavras nostálgicas do cientista e explorador, que são também um conselho a quem deseje usufruir da viagem em toda a sua plenitude:

Depois de se ter percorrido alguns milhares de léguas por continentes, carregando todo o tipo de instrumentos de medição física e astronómica, apetece realmente exclaimar no fim da caminhada: feliz de quem viaja sem instrumentos que se partem, sem herbários expostos à humidade, sem colecções de animais que se deterioram! Feliz de quem pode percorrer o mundo para o ver com os seus próprios olhos, para o compreender e para absorver as encantadoras impressões que a fruição da natureza proporciona, uma

²⁵ Para compreender a personalidade e o peso da obra de Humboldt é, de facto, necessário seguir-lhe as pisadas na América, onde ainda hoje é uma tradição viva. Em Tenerife, nas Canárias, primeira estação da longa viagem, existe o Panorama Humboldt, com um monumento que lhe é dedicado, e por toda a América do Sul, mas também do Norte, Humboldt dá nome a rios, correntes (corrente de Humboldt, no Peru) e montanhas (Pico de Humboldt), a cidades, a estabelecimentos comerciais, a ruas e praças. Para o homem comum, ele é o cientista que criou designações para a flora e para os minerais do continente. O seu nome aprende-se na escola.

fruição mais simples, mas também mais calma e menos sujeita a perturbações!²⁶ (Humboldt, 1997, 3: 31)

Bibliografia das obras citadas:

Bitterli, Urs, *Die Entdeckung Amerikas. Von Kolumbus bis Alexander von Humboldt*, München: C.H.Beck, 1992.

Humboldt, Alexander von, *Ansichten der Natur*. Herausgegeben und kommentiert von Hanno Beck, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987.

Humboldt, Alexander von, *Briefe aus Amerika: 1799-1804* (herausgegeben von Ulrike Moheit), Berlin: Akademie Verlag, 1993.

Humboldt, Alexander von, *Die Forschungsreise in den Tropen Amerikas* (herausgegeben und kommentiert von Hanno Beck), Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Teilband 1, 1997.

Humboldt, Alexander von, *Die Forschungsreise in den Tropen Amerikas* (herausgegeben und kommentiert von Hanno Beck), Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Teilband 3, 1997.

²⁶ "Hat man, mit physikalischen und astronomischen Instrumenten beladen, Reisen von einigen tausend lieus durch die Kontinente zurücklegt, möchte man in der Tat am Ende seiner Wanderung ausrufen: Glückliche die, welche ohne Instrumente reisen, die zerbrechen ohne Herbarien, die der Nässe ausgesetzt sind, ohne Tiersammlungen, die verderben! Glückliche die, welche die Welt durchstreifen, um sie mit eigenen Augen zu schauen, die trachten, sie zu verstehen und die anmutigen Eindrücke aufzunehmen, die der Anblick der Natur hervorruft, deren Genuss einfacher, aber auch ruhiger und weniger der Störung unterworfen ist!" (Humboldt, 1997, 3: 31).

Humboldt, Alexander von, *Die Wiederentdeckung der Neuen Welt. Erstmals zusammengestellt aus dem Reisebericht und den Tagebüchern*, Berlin: Verlag der Nation, 1989.

Humboldt, Alexander von, *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung* (ediert und mit einem Nachwort versehen von Ottmar Ette und Oliver Lubrich), Frankfurt am Main: Eichborn Verlag, 2004.

Humboldt, Alexander von, *Pinturas da natureza. Uma antologia* (selecção, apresentação e tradução de Gabriela Fragoso), Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

Humboldt, Alexander von, *Reise auf dem Rio Magdalena, durch die Anden und Mexiko. Aus seinen Reisetagebüchern* (Texte. Herausgegeben von Margot Faak, mit einer einleitenden Studie von Kurt R. Biermann. Beiträge zur Alexander-von-Humboldt-Forschung, Bd. 8), Berlin: Akademie Verlag, Teil I, 2003.

Humboldt, Alexander von, *Reise auf dem Rio Magdalena, durch die Anden und Mexiko. Aus seinen Reisetagebüchern* (Übersetzung, Anmerkungen und Register. Übersetzt und bearbeitet von Margot Faak. Beiträge zur Alexander-von-Humboldt-Forschung, Bd. 9), Berlin: Akademie Verlag, Teil II, 2003 (2^o ed.).

Humboldt, Alexander von, *Reise durch Venezuela. Auswahl aus den amerikanischen Reisetagebüchern* (herausgegeben von Margot Faak. Beiträge zur Alexander-von-Humboldt-Forschung, Bd. 12), Berlin: Akademie Verlag, 2000.

Humboldt, Alexander von, *Über einen Versuch den Gipfel des Chimborazo zu ersteigen. Mit dem vollständigen Text des Tagebuches "Reise zum Chimborazo"* (herausgegeben und mit einem Essay versehen von Oliver Lubrich und Otmar Ette), Frankfurt am Main: Eichborn Verlag, 2006.

Documentos Web:

Alexander von Humboldt Portal. Disponível em: <https://humboldt.staatsbibliothek-berlin.de/#toggle-id-1> [consultado em 15-03-2019].

Alexander von Humboldts Amerikanische Reisetagebücher, Disponível em: <https://staatsbibliothek-berlin.de/die-staatsbibliothek/abteilungen/handschriften/nachlaesse-autographen/projekte/humboldt-projekt/> [consultado em 17-03-2019].

Er war Forscher, Weltvermesser – und Universalgenie. Alexander von Humboldt wird 250, Disponível em: <https://avhumboldt250.de/> [consultado em 17-03-2019].

Puig-Samper, Miguel Ángel e Rebok, Sandra, *Un sabio en la meseta. El viaje de Alejandro de Humboldt a España en 1799*, Alexander von Humboldt im Netz, III, 5, 2002. Disponível em: https://www.uni-potsdam.de/romanistik/hin/hin5/inh_rebok_3.htm [consultado em 23-03-2019].